

RUBEM BRAGA

POETISAS

Os leitores que me desculpem, mas hoje vou tratar de um caso pessoal. Foi o caso que ha tempos certa moça que escreveu pedindo auxilio. Não respondi; não sabia de que se tratava, não tenho amor nenhum pelo mysterio. Depois a moça me escreveu outra vez. Mandou uns sonetos e pediu minha opinião. Dei essa opinião aqui: não gostei dos sonetos. Agora o que acontece? A moça ficou zangada? Mandou uma carta com desafóros? Não, nada disso. A moça mandou outra carta... agradecendo. Ella mesma diz que os sonetos não prestam e que é uma tola. Acha que eu não fui brutal — fui sincero. Diz-se pedante, pretenciosa e acaba pedindo desculpas.

Essa carta da moça é uma carta de tal geito humilde, e simples e absurdamente modesta que me deu raiva de mim mesmo. Porque te meteste, oh Braga, a criticar os sonetos da moça? Acaso podes tu criticar algum soneto? Acaso não és tu — vamos, confessa! — um poeta fracassado? Tu, que diariamente alinhavas aqui bobagens sobre bobagens, tu que nem sequer és um litterato, pois pertences ás "classes annexas" da litteratura, porque te mettes a dar palpites? A moça disse que seu ideal na vida é fazer versos. Isso não te commoveu, homem de pouca fé? Então neste mundo, neste bruto e secco mundo, no meio de tanta ambição feia, de tanta ferocidade lupina, de tanta sujeira e rudeza, existe uma certa moça pobre cujo sonho é fazer poemas — e tu não te commoves! Tu escreves bobagens azedas para estragar o doce sonho azul dessa moça — dessa pobre ingenua moça que é feito um lyrio nascendo num campo devastado de guerra entre blocos de cimento e fogo.

Si não gostaste dos sonetos — que tinhas de dizer isso? Tanta mentira que se diz sobre sonetos, tanta critica feita com falsidade para agradar, e tu és severo logo com essa pobre moça desconhecida que não incomoda ninguém! Tanto homem por ahí impando de fabricadas gloriolas, tanto morcegão enfeitado de genio e tu a queres massacrar com a pata — oh, Braga, oh, animal — essa pequenina borboleta que pousa na pequena e humilde flor de seu proprio sonho! Tu sabes perfeitamente — não o negues! — que a mais falada poetisa moderna do Brasil de hoje é uma simples charlatã que não escreve os versos que assigna.

Tu sabes que essa mulher que assigna bellos poemas que fazem sua gloria é incapaz de fazer por si mesma um poema que não seja miseravelmente mediocre — e não o dizes. Porque não o dizes? Sei! Não queres comprar encrencas, não queres desgostar amigos e conhecidos, não queres ferir homens que se deixam apaixonar pela discutivel belleza dessa mulher. E entretanto quando apparece á tua frente uma obscura moça que faz honestamente, puramente seus pobres versos, tu — oh covarde! — tu te plantas com ar severo a fazer criticas!

Um dia destes um dos mais conhecidos criticos brasileiros chamou de genio duas vezes uma outra riquissima poetisa. Para ganhar um presente da mulher millionaria elle tombou de joelhos e adorou, servil, em cantico genuflexo, (falando em excelsitudes innumeraveis e incomparaveis) a poetisa. Tu sabes que essa poetisa é na verdade aceitavel, simples e boa, mas que não é genio nem excelsitude — e que só é genio e excelsitude quando um critico quer receber como paga um pouco de ouro ou uma coisa qualquer que se compra com ouro. E porque não desmascaras essa farça ignobil? Ah, Braga, ha, patife, quem sabe que tu — tambem tu — não rondarás genuflexo o palacio da vacca de ouro? Ah, isso não me admiraria. Só és honesto e severo e intransigente quando se trata duma pobre Cely que faz versos escondida e os manda para teu exame escriptos a lapis num pobre papel de caderno...

Cely. Não ligue ao que escrevi e, pelo amor de Deus, não me peça desculpas. Continue fazendo seus versos — e uma das poucas coisas decentes e puras que ainda se póde fazer neste mundo. Você, moçinha que faz versos num mundo onde quasi só se pensa em fazer dinheiro, não fique triste si não gostei de seus sonetos. Aceite a minha sinceridade — a sinceridade que eu não tenho para outras, ricas e exaltadas que vivem nos galarins da fama — como uma homenagem. E si desistires de fazer versos tambem não fique triste. Eu sou um poeta fracassado e isso não me faz mal. Pelo contrario — até engordei, depois que desisti. Fóra dos sonetos existe a vida, Cely — e vive-a com alguma decencia é o melhor poema que se póde escrever nestes sujos e mesquinhos tempos.